

# Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios e de comércio

Telefone 12  
Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

AVENÇA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO IV — N.º 171 — Domingo, 16 de Setembro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

## A CRISE DO TEATRO

As recentes comemorações do primeiro centenário do nascimento de Marcelino Mesquita — graças a Deus, começam a ser condignamente lembradas certas figuras de há muito esquecidas! — põem-nos em primeiro plano aquilo a que pode chamar-

se, com justa propriedade, a crise do Teatro Português.

Se não fora a forte propulsão do Estado, através do S. N. L. e do Ministério da Educação Nacional, com o incontestável prestígio actuante de alguns gloriosos artistas, ainda felizmente vivos, e uma ou outra reacção mais acentuada que aqui e além se verifica, a verdade é que o nosso Teatro, como instrumento fundamental de cultura, poder-se-ia considerar definitivamente falido.

Têm sido as oportunas medidas e iniciativas do poder público que salvam esta situação quase desesperada. Assim, as grandes obras do restauro e beneficiação dos Teatros de S.

(CONTINUA NA 4.ª PAGINA)

## Contos Góticos

Por MARIA MANUELA NUNES

### O Jogo diabólico

Filipe Augusto... Imperador Romano? Qual! Um grãozinho de bico insignificante, sujo de ranho e de baba. Suspensórios de pano, calções com um grande rasgão na virilha. Tudo à mostra. Havia a esplanada. Mesas, bebidas, guloseimas. Pessoas animadas, ou fingidas. Conhecer o género: «ninguém tem precisão de saber da nossa vida!» (A propósito: hoje estou com a veia da bisbilhotice. Não-de me lembrar para, daqui a bocadinho lhes contar umas coisas que ontem me disseram.) Havia outras pessoas que liam livros ou liam pessoas. Eu lia pessoas. E' um entretenimento... como hei-de explicar... é um entretenimento diabólico. Um jogo em que o adversário não reage, não responde, não ataca. Está deitado na mesa da anatomia, sem o saber. Por isso mesmo, um adversário perigoso, um jogo difícil. Nada se conhece das manhas dele, do seu «habitat». Há que fazer jogo de adivinhação. O que estaria certo era conhecer a sua classe, a sua família, o seu meio, conhecer o que de original ela acrescenta a isso tudo, e depois levantar a figura. Pois, muita vez, o que faço é o inverso: vejo a cara macerada, a profundidade ou a ligeira dos olhos, as olheiras das noites ou da miséria, a magreza do não comer ou da doença, aquela expressão de total abandono de tudo, a super-

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## UM GRUPO DE AMIGOS DA PRAIA DE MONTE GORDO

Na passada quarta-feira, dia 12, no Casino desta praia, reuniu-se num almoço de confraternização, presidido pelo juiz-conselheiro dr. Sousa Carvalho, vários frequentadores da praia e que, em Monte Gordo, o destino quis que encontrassem as senhoras que, depois, vieram a ser suas esposas. O pretexto é interessante e original, tendo sido o organizador desse almoço o sr. capitão Mendes Dias.

Assistiram, com as respectivas esposas, as seguintes individualidades. Além da que presidiu, os srs. brigadeiro Eduardo Santos, seu filho Eduardo Falcão Santos, João Girão e seu filho João Girão Júnior, e genro, dr. Teixeira Marques, dr. José Rocheta, capitão Mendes Dias, dr. Armando Drago, comandante Uva Cansado, eng.º Manuel Alexandre e José Pessanha Barbosa, João Barroso Sanches, Matias Gomes Sanches, Manuel Gomes Sanches, João Uva Júnior, Emídio Uva, eng.º Carlos Medeiros, António Passos Lima, dr. Rafael Lopez Terruela e Fabrício Pessanha Barbosa.

No decorrer do almoço, pelo sr. dr. Armando Drago foi alvitrado que se organizasse uma comissão para a existência de um «grupo de amigos da praia de Monte Gordo», ideia que teve imediato acolhimento, assim como foi aplaudida a referência por ele feita à memória do antigo presidente da Câmara, Matias Gomes Sanches, que deu desenvolvimento progressivo a Monte Gordo, e às actividades

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## RELÂMPAGOS

### Sinfonia de silêncio...

POPULAÇÃO da nossa terra, amante de música na sua grande maioria, sente algo de inefável ao ouvir as bandas que por aqui passam a abri-lhantar as festas espanholas e quando vê as nossas procissões serem acompanhadas por filarmónicas, charangas ou quejandas, vindas de fora — e caras! — por falta duma banda local.

Este sentimento, que não vale a pena classificar, é bastante justificado se nos lembrarmos de que Vila Real, durante muitos anos e em condições económicas mais difíceis que as actuais, chegou a manter, com grande entusiasmo, duas filarmónicas, que proporcionavam distração ao povo e satisfiziam as necessidades artísticas dos mais exigentes apreciadores da arte de Euterpe.

E agora? E' o que vemos, infelizmente, enlevados num triste conformismo e num marasmo napolitano de que somos incapazes de sair e que constitui vergonha para uma vila de tra-

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## SOBRE O PROBLEMA DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS

## UMA CARTA

### DA LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

SUBSCRITA por dois distintos médicos, os srs. drs. António Emílio de Magalhães e Gil da Costa, directores da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, recebemos uma gentilíssima carta em que, entre outros assuntos, se fazem amáveis referências ao nosso jornal e aos nossos estimados colaboradores — nomeadamente, o nosso querido amigo sr. José dos Santos Marques, publicista de reconhecidos méritos, que aos problemas sociais e da cultura vem dedicando uma especial atenção.

E', pois, com o maior prazer que arquivamos nestas colunas algumas passagens da referida carta, na parte em que aqueles dois clínicos corroboram inteiramente, com a sua autorizada opinião, quanto neste jornal se tem dito sobre o magno problema das bibliotecas públicas e da extraordinária influência que elas exercem na formação e orientação das massas populares.

Antes, porém, queremos agradecer aos dois ilustres directores da L. P. S., prestigioso e benemérito organismo, que nos merece o mais vivo apreço e a quem o País deve uma obra social notabilíssima e da maior transcendência, as suas cativantes palavras de aplauso e de incitamento.

Eis os trechos da carta recebida:

...Sr. Director

Mais um número do «Notícias do Algarve» chegou às nossas mãos, o que sempre constitui para nós um motivo de satisfação, pois trata-se, na verdade, de um jornal bem redigido e de excelente aspecto gráfico.

Em nosso entender, cada um dos artigos que o número de 29 de Julho findo, que temos junto de nós, insere, merecia uma referência especial, a começar pelo artigo sobre o problema do turismo algarvio, região que, pelas suas belezas naturais e pela doçura do seu clima, tem um admirador em cada pessoa que, como nós, admira e ama as grandes maravilhas da Natureza.

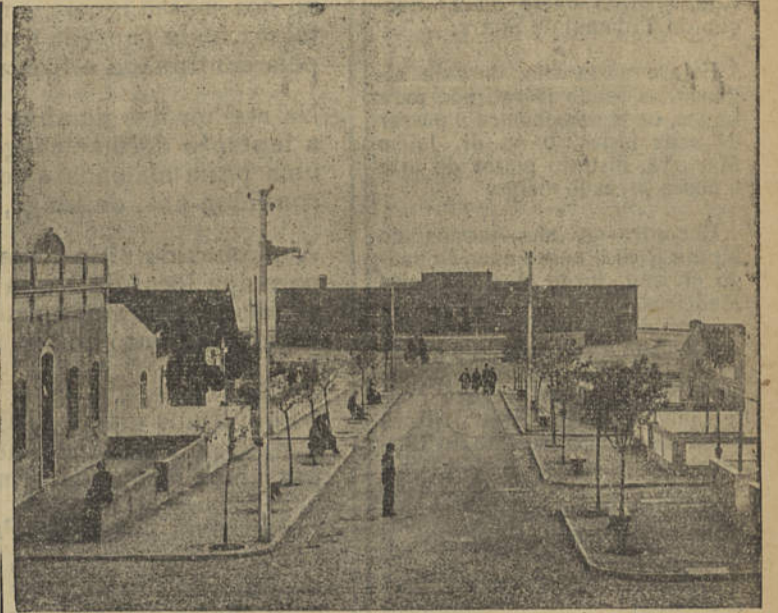
Um dos artigos que também chamou a nossa atenção foi o intitulado «As Bibliotecas, o públi-

co e a cultura» inspirado no oportuno trabalho do sr. Victor de Sá. Subscryve-o o sr. José dos Santos Marques, para quem pedimos a V. Ex.ª o favor de o felicitar pelo seu escrito — e porque a doutrina nele expandida se encontra perfeitamente dentro dos princípios por nós há muitos anos

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## QUANDO TERÁ A NOSSA TERRA um parque de campismo?

SOB o epígrafe «Parques de Campismo — Um problema de turismo» — publicou, há dias, o importante vespertino «Diário Popular» um exce-



## MONTE GORDO

FESTEJA HOJE A SUA PADROEIRA

N.ª S.ª DAS DORES

REALIZAM-SE hoje as tradicionais festas à excel-sa padroeira da Praia de Monte Gordo, Nossa

Senhora das Dores, protectora da classe piscatória da nossa vizinha praia. Estas festas foram promovidas pelos marítimos montegordinos e patrocinadas pela colónia balnear que habitualmente frequenta aquela estância, esperando-se que, tal como acontece todos os anos, a ela acorram inúmeros forasteiros de vários pontos do País, nomeadamente do Alentejo, Algarve e mesmo da capital.

Do programa dos festejos fazem parte a Missa solene, com pregação, e a costumada procissão com a sagrada imagem da Virgem patrona, pelas ruas da praia e junto à orla marítima, enquanto as traineiras dirigirão as suas saudações com apitos de sereias e foguetes. As festas populares constam de quermesse, arraial, concerto pela banda de Loulé e lançamento de fogos de artifício preso e aéreo, à passagem da procissão e à noite.

## EXCESSOS

## A EVITAR

Pelo DR. RUY DE ANDRADE

CHEGA-ME as mãos um exemplar do «Notícias do Algarve», de Vila Real de Santo António, com a data de 22 de Julho, contendo o anúncio da venda de várias propriedades de um colega nosso, que não quer continuar a confrontar com a Junta Autónoma das Estradas.

Tive já ocasião de criticar casos de abuso de vários organismos estatais e para-estatais, e se, em verdade, quase sempre se têm liquidado os incidentes de uma forma simpática, também tem acontecido ver soluções menos amistosas, porque se tinha saído da correcção que é de direito exigir em assuntos destes.

Desgraçadamente, muitas coisas se fazem como não seria de fazer.

Por exemplo: a plantação de postes de energia eléctrica, de telefones, de telégrafos, sem aviso prévio, prejudicando sem indemnizar; a marcação de árvores e até derrube das mesmas, ao longo das estradas; a constituição de gares fora das estradas; a

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

la assim a despedir-me, pedindo todas as desculpas, — porque tínhamos que almoçar qualquer coisa ainda, antes da partida, — quando a sr.ª Barrett e ele insistem connosco para participarmos do seu almoço! Foram em vão as nossas escusas; mas não foi vã a oferta, pois além do agrado do convívio e do saboroso repasto suficiente, a sr.ª Barrett veio pôr ponto final na colação com a delícia de umas peras geladas da sua cave... — as melhores que ainda me lembro de ter comido em toda a minha vida!

Na continuação da viagem, quase rizando pela direita o lago de Brienne, lá se me ofereceu à vista, embora de longe, a famosa ilha de S. Pedro onde o refugiado Rousseau julgara ter encontrado um idílico asilo inviolável e cuja descrição, justamente célebre, nos deixou na *cinquième promenade* das suas *Reveries du promeneur solitaire*.

Basileia, por fim, a meio da tarde. Quase nenhuma dificuldade na instalação, num belo quarto de pensão razoável, servido por uma criada, magrícula mas risosa, com quem não tive outro remédio senão entender-me em alemão, conforme pude, pois ela não percebia patavina de francês...

Os colegas jornalistas já lá estavam todos, instalados mais ou menos esplendidamente, conforme as inscrições e as possibilidades havidas...

As sessões científicas, interessantes, no recente grande hospital modelar, não faltei naturalmente, como quase todos, flanando também naturalmente outros, de preferência, pela cidade. Mas um encontro geral foi no banquete

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## A propósito das festas de Aiamonte

## É DIGNA DE LOUVORES a forma eficiente

### COMO AS NOSSAS AUTORIDADES ADUANEIRAS E A POLÍCIA INTERNACIONAL REGULARAM O TRÂNSITO NA FRONTEIRA

DECORRERAM com raro brilho as festividades em honra de N.ª Sr.ª das Angústias, padroeira da vizinha cidade espanhola de Aiamonte, festividade a que já largamente nos referimos e que tiveram a presença de milhares de portugueses, que ali se deslocaram propositadamente, aproveitando as facilidades de trânsito na fronteira, concedidas durante os dias 7 a 10 do corrente.

Importa, a propósito, dar o merecido realce à forma eficiente e atenciosa como as nossas autoridades alfandegárias, Polícia Internacional, Guarda Fiscal e Capitania do Porto regularizaram o trânsito na fronteira, sem bichas nem aglomerações, a despeito da afluência de muitos milhares de portugueses que acorreram aos festejos aiamontinos.

A forma impecável como a nossa Polícia Internacional e a Guarda Fiscal montaram o seu serviço de vigilância fronteiriça

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## ACTIVIDADES DA CASA DO ALGARVE

Pelos srs. coronel Aboim Ascensão de Sade Lemos e dr. Humberto Pacheco, respectivamente, presidente honorário e vice-presidente da Comissão de Beneficência da Casa do Algarve, foram entregues à Tesouraria da mesma colectividade os seguintes donativos:

2.400\$00 para subsidiar a manutenção de 6 crianças pobres, filhas de algarvios residentes em Lisboa, numa Colónia de Férias Infantil, da Praia de Faro, e 920\$00 para auxílio de estadia, em estância de repouso da Província, de 8 por cento.

(CONCLUÍ NA 4.ª PAGINA)

## Câmara de Alcoutim

Foi superiormente autorizada a Câmara Municipal de Alcoutim a lançar, no próximo ano, derrame de 8 por cento.

(CONCLUÍ NA 3.ª PAGINA)

## Notícias PESSOAIS

### Partidas e Chegadas

Em digressão pelo Algarve e acompanhado do sr. dr. Bento Malva Matos, conservador do Registo Predial em Sintra, tivemos o prazer de abraçar nesta vila o nosso querido amigo e conterrâneo sr. Joaquim da Palma Rita, distinto chefe da 2.ª Secção do Tribunal de Sintra.

Esteve nesta vila, durante alguns dias, tendo já retirado para Lagos, onde se encontra a passar as suas férias, o sr. dr. Jaime Murteira, distinto pintor de arte e nosso prezado amigo.

Encontra-se nas termas de Monte Real o nosso querido amigo sr. eng. Jorge Manuel Freire Medeiros.

De visita a sua família e acompanhado de sua esposa, esteve nesta vila o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Álvaro Félix da Silva, residente no Barreiro.

Tivemos o prazer de cumprimentar, na nossa Redacção, o nosso prezado assinante sr. António Gonçalves, residente na Foz (Odeite).

Depois da sua estadia em Monte Gordo, retirou para Alcoutim, aonde foi assistir às tradicionais festas de Setembro, o nosso estimado amigo e colaborador sr. prof. Trindade e Lima, tendo já retirado para Lisboa, onde reside.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso prezado amigo e assinante sr. António do Ó da Silva, funcionário da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, em Lisboa.

Acompanhada de seu esposo e filho, retirou para Aveiro, onde reside, a nossa prezada assinante e conterrânea, sr.ª D. Dina Guerreiro Arroge.

Encontra-se nesta vila, com sua família, o nosso prezado conterrâneo e assinante sr. Jorge Arez de Mascarenhas, residente em Lisboa.

Acompanhada de seu esposo, encontra-se nesta vila, em casa de seus pais, a sr.ª D. Alcide Viegas Coelho dos Santos, nossa prezada assinante em Lisboa.

Com sua família, seguiu para Paris, em viagem de recreio, o nosso amigo sr. Manuel Gomes da Costa Rebocho, distinto arquitecto nesta vila.

Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria Fernanda de Sousa Carvalho Medeiros, e filho, encontra-se nesta vila, em gozo de férias, o nosso prezado amigo e assinante em Lisboa, sr. eng. Carlos José Freire Medeiros, funcionário superior da Companhia Colonial de Navegação.

De passagem para Espanha, esteve nesta vila, com pouca demora, o nosso querido amigo e estimado assinante sr. dr. José Pimenta Formosinho, ilustre director do Museu Regional de Lagos.

Acompanhado de sua esposa, retirou para Lisboa o nosso prezado assinante sr. Delmonte Fernandes de Vasconcelos, funcionário do Centro de Documentação Científica de Alta Cultura.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o sr. António Maria Trigo de Lemos de Seixas Castello Branco, sócio da firma Valadas, Lda., de Lisboa, e sua esposa.

Retirou para Lisboa o sr. Álvaro Campero Munhoz, depois de ter passado as suas férias nesta vila, em casa de seus pais.

Regressou do Barreiro, após longa estadia, a sr.ª D. Maria de Lourdes Viegas Gomes, gentil filha do nosso prezado assinante sr. José do Nascimento Gomes.

Em gozo de férias, encontra-se nesta vila o sr. Ruy Correia Pacheco, filho do nosso prezado amigo e assinante sr. capitão Inácio Monteiro Pacheco.

De visita a seus pais, encontra-se nesta vila o sr. Rogério Viegas Palma, cabeleireiro, residente em Lisboa.

## ESCRITAS

Comerciais, industriais e agro-pecuárias, aceitam-se em qualquer regime.

Dá informações. Resposta a este jornal, ao n.º 13.

# CALENDÁRIO AGOSTO

O povo, que o Agosto, outrora, punha aflito, encontrou-lhe, este ano, um aspecto esquisito: rareou o calor intenso, prolongado, que fazia de Agosto um mês abominado.

Houve, é certo, calor, mas nada semelhante ao dos meses iguais, em tempo não distante; talvez fosse causada esta desarmonia pela continuada e fresca ventania...

Na melhor das manhãs do referido mês, a tentação do mar chegou-nos, outra vez; uma praia afamada e concorrida e bela, convidou-nos, de longe, a irmos até ela.

Abalámos do sitio onde estivera a meta na etapa local da Volta em bicicleta, e usando, por sinal, este meio de transporte, seguimos, junto ao rio, em pedalada forte.

Abrandámos, porém, a marcha vigorosa ao ouvirmos gritar: olha, o Alves Barbosa! E para não dar azo a nova confusão, passámos a marchar em «estilo pelotão».

Formidável passeio! Primeiro, a Avenida, larga, airosa, comprida, um pouco mais crescida, sem o mercado velho e sem as «salgadinhãs», cujo cheiro enjoava a quem ia às sardinhas...

Enormes lampiões, bons ajardinamentos, arvoredos a nascer, pintalgados assentos, está em franco progresso a artéria principal desta sempre risonha e linda Vila Real.

Surge-nos, adiante, a provisória praça, geométrica, clara e de modesta traça; pena é que, assim, tão longe, este mercado deixe derreado, estafado, o comprador de peixe...

Alcançámos, por fim, a estrada da mata, na qual, pulmões, olhar, tudo se nos dilata; não nos mandasse a praia eflúvios feiticieiros, teríamos ficado à sombra dos pinheiros!

Pertinho da estrada, ali ao pé dos poços, campistas a granel, velhos, moças e moços, a roupa curta e leve, as tendas multicores, gozavam da natureza os óptimos favores.

E eis Monte Gordo à vista, a activa, a famosa, a praia sem rival das tardes cor de rosa; era bem cedo ainda e a farta concorrência mostrava, só por si, da praia a excelência.

Banhoca, flirts, prancha, o casino e o mais abordado será em próximos jornais, para isto, a festa anual e as construções na areia terá o «Calendário» uma página cheia...

E. DE CASSIM

## MUITOS PODEM AJUDAR

EM alguns concelhos do País foi recentemente proibido o uso dos pés descalços, e essa proibição tende a alargar-se a outras regiões.

Com a evolução do País nos últimos anos, não faz de modo algum sentido que se mantenha um costume condenável sob qualquer ângulo que o queiramos observar. E' anti-higiénico e fonte permanente de doenças que se transmitem não só através da pele como pelas pequenas feridas bastantes frequentes; é, para os estrangeiros que nos visitam, e são aos milhares, índice dum atraso e pobreza de civilização que está muito longe de ser verdadeiro.

Ora, bem sabemos que o problema não é de modo algum económico porque as alpargatas não são caras e qualquer sabe e pode fazer uns socos com tiras de sola.

Quantas vezes é fino o tecido da saia, é pesado o oiro das arrecadas, é mimoso o bordado da blusa, e não se pensou em proteger os pés, que andam por cima das imundícies. O mesmo acontece aos homens, que fazem contraste entre a ausência de sapatos e o toque macio dum camisa creme.

A grande luta a travar é contra um mau hábito enraizado, e contra uma falsa comodidade. Mostremos, pois, a esses rapazes e raparigas que calçar os pés não só é ajudar a propagan-

da de Portugal, combater a doença e favorecer a beleza, mas também colocarem-se em ponto de merecer mais consideração de todos. Tome cada um a iniciativa de promover uma pequena campanha contra o pé descalço, na família, entre os seus empregados, entre os seus alunos, e entre os amigos e conhecidos. Fazendo isso, está a ajudar a Nação a ser mais bela e saudável.

## MORREU UM TRIPULANTE num desastre a bordo duma traineira

Na noite de quarta-feira passada, quando se encontrava na pesca, ao largo desta costa, a bordo da traineira «Leste», da firma Lusofabril, Lda., desta vila, o encarregado das argolas, Francisco Vicente, foi envolvido nas redes, batendo com o corpo na borda da embarcação e caindo, seguidamente, ao mar.

Imediatamente socorrido pelos companheiros, foi retirado já morto. A vítima, que tinha 28 anos, era natural da praia da Manta-Rota (Cacela) e deixa viúva e um filho de poucos meses. O corpo foi depois desembarcado nesta vila e, após as formalidades legais, foi removido para a casa mortuária do Hospital, donde saiu o funeral no dia seguinte, com grande acompanhamento.

## CONTABILISTA / GUARDA-LIVROS

Precisa-se, devidamente habilitado e com prática, de preferência, conhecendo francês e inglês. Resposta à Portugália Industrial, Lda. — PORTIMÃO.



## PROVINCIA

### TAVIRA

#### Vida cara

Mantém-se a carestia da vida nesta cidade. Uma das principais causas do mal é a existência dos intermediários oportunistas, que, por vezes, têm um lucro superior ao produtor. Com a criação que aparece à venda, dá-se o mesmo fenómeno. E' ver, às escâncaras, a desfaçatez com que compram toda a criação e a revendem a preços muito superiores quando não a mandam para fora, com conhecimento dos zeladores municipais e autoridades. Não haverá alguém que meta ombros à tarefa de acabar com estas sanguessugas que se instalaram no Mercado Municipal?

#### Ponte do Almargem

No inverno findo, um violento temporal danificou esta ponte situada ao quilómetro 136,000 da Estrada Nacional n.º 125-1.ª, entre a Conceição e Tavira, que liga Faro a Vila Real de Santo António. Não faz sentido que, muito embora se construisse um desvio, se mantenha o mesmo obrigatoriamente, não se arranjando a referida ponte. Chamamos para o caso a atenção da Junta Autónoma das Estradas, para que muito em breve dê início à reparação, que se impõe, pois brevemente temos mais outro inverno, com as suas consequências e certamente a ponte velha, por onde agora passa o desvio, não deve aguentar com os temporais.

#### Subsídio aos Bombeiros de Tavira

O Conselho Nacional dos Serviços de Incêndios foi autorizado a distribuir a colecta cobrada no ano findo, com destino à aquisição de material e manutenção dos serviços das Corporações de Bombeiros existentes no País. Aos Bombeiros Municipais de Tavira foram entregues 25.000\$.

#### Obras na cidade

**Bairro Jara** — Vão começar, em breve, as obras do Bairro Jara, mais conhecido por «Bairro dos Pobres». Já não era sem tempo, pois por mais duma vez dissemos nestas colunas que era imprescindível a sua reparação.

**Largo de São Francisco** — Andou bem a Câmara Municipal em mandar ajardinar este largo e colocar ao centro um marco fontenário. Da parte ajardinada foi incumbido o jardineiro municipal, sr. António Alves de Sousa, que vai fazer desse pequeno jardim um mimo, como já se encontram os outros jardins da cidade. Da parte do marco fontenário estão encarregados os serviços municipais, sendo pena que essas obras estejam sendo tão morosas.

**Rua de Marcelino Franco** — Continuam as obras nesta artéria, uma das principais de Tavira. A mesma será alcatroada.

**Rua Miguel Bombarda** — (antiga rua do Mau Foro) — Já se encontra a competente areia e calhaus, para reparação desta rua, que se encontrava em muito mau estado. A mesma é alcatroada. — e.

## VOLTOU NOVAMENTE a mendicidade?

Depois da louvável campanha empreendida, há tempos, pelas entidades assistenciais, tendente a terminar com o triste espectáculo da mendicidade às portas e nos locais de ajuntamentos, nesta vila, voltamos ultimamente a assistir ao estendal da «pedinchice» domiciliária, feita por indigentes estranhos ao concelho, em número sempre crescente.

Como se trata de uma manifestação imprópria dos tempos que correm, para mais num centro turístico como o nosso e em época de afluência de visitantes (muitos deles estrangeiros), para o facto chamamos a atenção das entidades a quem compete reprimir este indecoroso espectáculo, visto estar organizado um cadastro de indigentes e de famílias necessitadas, que são discretamente auxiliados pelas instituições de assistência do Município, I. A. F., Misericórdia local, Vicentinos, Cáritas, etc.

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

### LUZ DE TAVIRA

#### Obras na Luz de Tavira

A Junta de Freguesia da Luz acaba de mandar efectuar o calcetamento do local junto à igreja matriz desta freguesia, cujos trabalhos importaram em cerca de 9.000\$00. Registamos o importante melhoramento.

#### Notícias Pessoais

Depois de ter passado alguns dias nesta localidade, de visita a sua família, regressou a Lourenço Marques o nosso prezado assinante sr. João Basílio de Jesus, contra-mestre da Marinha Mercante nacional. — e.

### ALCOUTIM

#### Patente de Invenção

Foi conferida ao nosso conterrâneo sr. José Rodrigues dos Santos, com oficina nesta vila, por uma nora manual da sua idealização, a respectiva patente.

Felicitemos este nosso amigo e desejamos que o seu trabalho alcance bastante vulgarização, com proveito para aqueles que o adoptarem.

#### Festas

À hora em que este jornal sair, já passaram as festas desta vila. Como nos anos anteriores, o seu produto líquido destina-se à comparticipação da fundação do Hospital sub-regional.

Espera-se grande afluência, sendo já bastantes os filhos da terra que se encontram presentes.

#### Águas

Continuam, com grande intensidade, os trabalhos de pesquisa de água com que se há-de abastecer esta vila.

Este melhoramento, com o da luz eléctrica que se aproxima, muito devem beneficiar esta terra.

#### Concursos

Ao último concurso para informadores fiscais estiveram presentes os nossos conterrâneos srs. Augusto Parreira Baptista, José Francisco Simões, Manuel Gomes Alves, Olímpio Gonçalves e Rui Firmino Simão. A todos desejamos uma boa classificação, como prémio dos seus esforços.

#### Doente

Encontra-se quase restabelecido de uma queda que deu o estimado clínico sr. dr. Joaquim Martins Fernandes. — e.

## FALECIMENTO

Faleceu, no passado dia 9 do corrente, o nosso amigo e assinante sr. Marcelino Conceição Fernandes, de 53 anos, natural de Tavira e residente nesta vila, onde era muito estimado.

O extinto deixa viúva a sr.ª D. Antónia Ojeda da Conceição e era pai das sr.ªs D. Antónia e D. Maria Conceição Fernandes e do sr. Marcelino Conceição Fernandes Jor., tendo o seu funeral sido muito concorrido.

## MINISTÉRIO DA ECONOMIA Direcção Geral dos Combustíveis EDITAL

António Alfredo Sanches de Castro da Costa Macedo, engenheiro chefe da 2.ª Repartição da Direcção-Geral dos Combustíveis.

Faz saber que a Sociedade de Nacional de Petróleos (SONAP) requereu licença para instalar um depósito subterrâneo de gasóleo, com cerca de 6.000 litros de capacidade, e respectiva bomba auto-medidora, incluído na 3.ª classe, com os inconvenientes de perigo de incêndio, sito em Vila Real de Santo António, na Avenida da República, freguesia e concelho de Vila Real de Santo António, distrito de Faro.

Nos termos dos regulamentos das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda n.º 6, em Lisboa.

Lisboa, 11 de Setembro de 1956.

O eng.º-chefe da 2.ª Repartição, António da Costa Macedo

## AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 8 a 14 de Setembro:

TRAINEIRAS	
Maria Rosa . . . . .	64.960\$00
Pérola do Guadiana . . . . .	62.845\$00
Conceicanita . . . . .	48.700\$00
Deolinda Rita . . . . .	44.065\$00
Pinguim . . . . .	33.545\$00
Liberta . . . . .	31.590\$00
Levante . . . . .	30.410\$00
Ramira . . . . .	27.000\$00
Rajada . . . . .	23.795\$00
Raulito . . . . .	23.000\$00
Audaz . . . . .	21.325\$00
Brisa . . . . .	20.645\$00
Norte . . . . .	20.555\$00
Sul . . . . .	19.850\$00
Tozé . . . . .	18.635\$00
Triunfante . . . . .	16.710\$00
Pérola de Lagos . . . . .	15.890\$00
Janita . . . . .	15.810\$00
Flor do Sul . . . . .	15.530\$00
Leste . . . . .	14.865\$00
Flor do Guadiana . . . . .	13.410\$00
Lenita . . . . .	12.720\$00
Agadão . . . . .	12.000\$00
Loia . . . . .	10.080\$00
Sol Nascente . . . . .	8.580\$00
Praia do Vau . . . . .	6.800\$00
Sol . . . . .	6.600\$00
Infante . . . . .	5.065\$00
Farihão . . . . .	3.750\$00
Cine . . . . .	3.660\$00
Sarda . . . . .	3.150\$00
Sete Estrelas . . . . .	3.100\$00
Satúrnia . . . . .	2.770\$00
Oressa . . . . .	2.580\$00
Virgem te Guie . . . . .	2.175\$00
Gracinha . . . . .	2.075\$00
N. Sr.ª da Pompeia . . . . .	2.020\$00
Salvadora . . . . .	2.020\$00
Trio . . . . .	1.790\$00
Mexilhão . . . . .	1.560\$00
S. Paulo . . . . .	1.540\$00
Jomanel . . . . .	1.190\$00
Mélinha . . . . .	1.080\$00
Clarita . . . . .	855\$00
Novo S. José . . . . .	820\$00
Lusitana . . . . .	800\$00
Alvarito . . . . .	680\$00
Belcine . . . . .	680\$00
Maria Odete . . . . .	670\$00
Cristina Leote . . . . .	640\$00
Arriana . . . . .	500\$00
Costa d'Oiro . . . . .	330\$00
Restauração . . . . .	230\$00
Pérola do Oceano . . . . .	170\$00
Pérola do Arade . . . . .	155\$00
Total . . . . .	685.780\$00

CERCOS	
Amazona . . . . .	3.680\$00
Novo Machado . . . . .	2.590\$00
Portimão . . . . .	170\$00
Total . . . . .	6.440\$00

### HORÁRIO DE CAMIONETAS

#### Vila Real-Monte Gordo:

Partidas de Vila Real — A's 8,20 9,00 10,00 — 12,15 — 13,15 — 18,15 — 19,15 — 21,30 22,30 (a) — e uma hora da manhã (a).

Partidas de Monte Gordo — A's 8,35 9,15 — 10,30 — 12,45 — 13,45 — 18,45 — 20,30 — 22,00 (a) — 0 horas e 2,15 (a) da manhã.

(a) — Só se efectua às Quintas-feiras, Sábados e Domingos, de 10 de Agosto a 20 de Setembro.

### FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 15 a 21 de Setembro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

## VENDE-SE

Ferramentas de construção naval: tornos, bancas, bigorna, serras, machos, balança centesimal e outras ferramentas. Dirigir a João Antunes — S. Bartolomeu de Sul.

## JOSÉ CÂNDIDO MONTEIRO Solicitador provisionário

Torna público que, por conveniência familiar, passa a residir em Castro Marim, terra da sua naturalidade.

Por este motivo e até conseguir casa para escritório nesta vila, permanece todos os dias úteis, a contar do dia 12 do corrente mês, no Tribunal Judicial, das 10 às 13 e das 14,30 às 16 horas, ou na Rua de Aveiro n.º 1, onde atende os seus clientes.

Às terças e sexta-feiras, só permanece nesta vila das 10 às 13 horas, pois das 15 horas, em diante, atende na sua residência, em Castro Marim, o público que se lhe dirija.

Vila Real de Santo António, 8 de Setembro de 1956.

O Solicitador José Cândido Monteiro

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

**SOBRE O PROBLEMA das Bibliotecas Públicas**

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

defendidos, é que nos dirigimos a V. Ex.ª.

A cultura não pode ser apenas o privilégio de alguns, mas sim um benefício de todos. Assim o compreendendo, tem esta Liga desenvolvido há longos anos uma intensa campanha, no sentido de tornar as bibliotecas públicas aptas a bem cumprirem a alta missão que lhes cabe na orientação e formação do povo.

Dentro deste critério, tem levado a efeito várias conferências sobre Bibliotecas, proferidas pelas mais altas autoridades no assunto, e realizado outros importantes trabalhos, que a seu tempo serão dados a público.

De entre esses trabalhos, queremos salientar a acção decisiva que a Liga de Profilaxia teve em 1928, graças à qual, a importante Biblioteca Municipal do Porto começou nesse mesmo ano a funcionar de noite.

Em 1945, sugeriu ao sr. presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Porto que se promovesse na Biblioteca Municipal uma série de conferências essencialmente de carácter orientador dos leitores menos instruídos, de modo a que o seu rendimento cultural se elevasse ao máximo. Nesse mesmo ano, teve nova interfeirência junto do sr. presidente da Câmara, no sentido de que fosse corrigido o horário então em vigor na Biblioteca, sugerindo outro, que lhe parecia mais adequado.

Na verdade, como muito bem afirma o sr. José dos Santos Marques no seu precioso artigo, «se as tabernas estão abertas de dia e de noite, porque não hão-de as bibliotecas ter horário semelhante?» Pois se o vinho — no dizer de uma infeliz propaganda — dá de comer a um milhão de portugueses, as bibliotecas dão — ou deviam dar — instrução e cultura aos oito milhões.

Mais uma vez felicitamos V. Ex.ª pela inteligente orientação que dá ao seu jornal, tratando nele tão importantes assuntos de carácter nacional.

De V. Ex.ª muito atentos e reconhecidos,  
aa) António Emílio de Magalhães  
Gil da Costa

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

**O CONCURSO DAS PRAIAS em Monte Gordo**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

larina); 2.º, Ofélia dos Santos Allen Revés (Fé, Esperança e Caridade); 3.º, Álvaro Manuel Colaço Sabino (Cão), e 4.º, Anabela Rita de Brito (Sereia).

3.ª categoria (dos 6 aos 8 anos) — 1.º, Rui Cardoso Teles Palhinha (Cavalo); 2.º, Gastão Norberto Figueiredo de Sousa Inácio (Elefante); 3.º, Maria Alexandrina Coquenão Folque (Crocodilo), e 4.º, Rosa Maria Rodrigues Clemente (Cegonha).

Entretanto, como o próprio júri reconheceu, outros trabalhos houve, que revelaram pequeninos «artistas» e que, por isso mesmo, são dignos de menção, como, por exemplo: a «ponte», de Isabel Maria Martins Bonança; os «barcos», dos irmãos Domingos e José Pulido Garcia; «castelo», de Maria João Trindade dos Reis A'guas; «palhaço», de Maria Isabel Costa de Allen Revés, e outros.

E para finalizar este complemento noticioso (os últimos serão os primeiros, diz a sabedoria das nações), é justo destacarmos a actualidade, discreta, mas indispensável, do correspondente local do «Diário de Notícias», o nosso amigo sr. José Alves Mestre, que foi o principal colaborador da equipa do importante matutino lisboeta e o infatigável organizador dos trabalhos preliminares do Concurso.

**VENDEM-SE**

Duas moradas de casas, uma na Praça 5 de Outubro, 71 e outra na Rua Cândido dos Reis, 6. Tratar na Rua Vasco da Gama, 3, nesta vila, ou na Rua Pedro Álvares Cabral, 27, em Monte Gordo.

**Gonta Gotas**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ficialidade com que se pega num livro (o que significa que em matéria de atribuições há pouco a aprender) o finca-pé de certas pessoas (mulheres, especialmente) em reterem outras «mais um bocadinho» (oh a terrível solidão lá de casa...) vejo isso tudo, e depois, pacientemente, é que construo a psicologia, o ambiente, a história das pessoas. Como disse, um jogo apaixonante. Um jogo perigoso. Difícil e aventureiro como desenhá-lo e adivinhar a partir do dente queixal.

**Mas, como ia dizendo...**

Bom, havia a esplanada, mesas, bebidas, pessoas, etc., etc., isso tudo que vocês sabem e mais o snobismo, sem o qual nenhuma esplanada burguesa era possível. E havia também o tal grão de bico, o Filipe Augusto, imperador romano da miséria num bairro da lata dos arredores. Psicólogo, o tal. Passou, olhou rapidamente as pessoas, parou em mim, meteu o dedo na boca, olhos semicerrados. Acertara. Aproximou-se. Familiarmente, ocupou a cadeira vaga. Olhámo-nos em silêncio, a dar tempo a que o destino forjasse uma plataforma para nos entendermos ambos. As senhoras que me cercavam, matronas empanurradas de maleficiência e de bolos, fitavam a vista estranha que me caíra do inferno — se do inferno pudessem cair anjos. O ambiente da esplanada carregou-se subitamente. A esplanada teve aquele trejeito repugnado do enfermo sem apetite, em cujo prato da sopa mergulham duas moças embriagadas de amor. O servente, obsequioso, respirou o constrangimento. Deu logo pelo motivo dele. A dois metros do Filipe Augusto, acenou-lhe a rua. Filipe Augusto escoregou da cadeira até o pé direito encontrar o chão.

— Deixa-te estar — disse-lhe eu.  
— Ó miúdo, não ouviste o que eu disse? — regougou o servente obsequioso, anjo protector de matronas lambareiras. O menino pôs-se todo de pé. O monco, amarelo espesso, bifurcava-se para as commissuras dos lábios, dava-lhe um ar patuoso de manipanso chinês. Agarrei-o pelas axilas, voltei a sentá-lo. Chamei o criado...  
— Como te chamas?  
— Filipe Augusto.  
— Imperador romano?  
— Não, senhora, Filipe Augusto Pereira de Jesus.  
— O que é que tu queres?  
— Não quero nada.  
— Queres só olhar para mim?  
— Disse que sim, com a cabeça.  
— Não te apetece um bolo?  
— Apetecia.  
— Qual?  
— Encolheu os ombros. Entendi. Um bolo doce...  
— É um gelado?  
— Sim, um de dez tostões.  
O criado, submisso, trouxe o bolo e o gelado de dez tostões. Regalou-se o Filipe Augusto. Mas tive de o assoar primeiro. Arrostando com os olhos reprovadores da primeira classe daquela esplanada rigorosa.

Maria Manuela Nunes

**OS GRANDES HUMORISTAS**

**O SOBRINHO VOLTOU POBRE...**

A D. Elmira ia já a caminho dos 80 anos. Era uma senhora seca, muito ríspida, que vivia só, num grande casarão, ali ao Dafundo. Não tinha família, além de um sobrinho, filho de um irmão, o mano Carlos, que morrera com um bilhete da sorte grande na mão, quando viu, na lista, que tinha sido contemplado nos mil contos.

Foram rebater, à pressa, o bilhete, e, depois, fizeram um lindo enterro ao pobre homem. D. Elmira cortou as relações com o sobrinho. Achou indecente aquele procedimento, pois antes mesmo de lhe terem comunicado a morte do chorado irmão, deviam, também, ter dividido, em partes iguais, o dinheiro da sorte grande. Resolveu, por isso, pôr luto forçado: pelo irmão e pelo sobrinho. E dizia a toda a gente que já ninguém tinha no mundo — pois o irmão morrera por lhe ter saído a sorte grande e o sobrinho por a ter rebatido.

Metida no grande casarão, apenas com a velha Joana, uma criada no limite da idade, D. Elmira levava todo o dia a contar as suas economias e a decorar os números dos cupões das acções que possuía avultadamente. A única pessoa que entrava em casa era o sr. Mendonça, ajudante de tabelião na inactividade, que todos os meses recebia as rendas de três prédios de D. Elmira e que, por esse motivo, tinha direito a uma chávena de chá, no dia 9, e a percentagem da procuradoria, além de 1500 de abono para «eléctricos».

Foi o sr. Mendonça que, naquele dia 9, ao chegar a casa de D. Elmira, dera a novidade, que a deixou desvairada. O sobrinho, em três meses, derretera os 1.000 contos e tinha ido procurá-lo, a ele, Mendonça, ao escritório da Rua Nova do Almada, para arranjar um conto de réis!

— Que me diz?! Já gastou os 1.000 contos? Mas como?

Então o sr. Mendonça contou, tintim por tintim, como as coisas se passaram.

Ele, Mendonça, até naquele dia estava um pouco engripado. Tinha feito, na véspera, uma noite. Metera-se na tabacaria Cunha a jogar o gamão, e quando dera por isso já o ponteiro marcava as dez horas da noite. Deitou as mãos à cabeça e abalou, desesperado. Já tinha roubado ao corpo duas horas de descanso!

— Que V. Ex.ª, sr.ª D. Elmira, sabe perfeitamente que nunca fui homem de noitadas!

— Ih! Jesus! O sr. Mendonça deitou-se às 10 horas? Credo! Havia de estar fresco no outro dia! Que o senhor tem um serviço de muita responsabilidade! E' um serviço de puxar pelos miolos! E conseguíu ir para o escritório no outro dia ao meio-dia?

— Saiba V. Ex.ª que sim! Mas com muito esforço! Também, para evitar qualquer resfriamento, tomei duas chávenas de limão com mel. Esfreguei-me com vinagre aromático e adornei a chupar rebuçados de altaia...

— Foi o que lhe valeu, sr. Mendonça! Olhe que um vizinho, aqui ao lado, só porque não estava na cama às nove horas, foi atropelado às nove e meia! E'

um perigo para a saúde, sr. Mendonça, andar fora de horas na rua!

O sr. Mendonça concordou, plenamente. O trânsito é muito. Os automóveis andam por todo o lado! Sobem pelos passelos, entram pelos estabelecimentos, enfiam na casa de cada um! Ainda a semana passada um desses objectos zumbidores, não se sabe como, galgou um patamar e foi atropelar duas senhoras que estavam a fazer «tricot» junto da porteira do prédio!

O sr. Mendonça acrescentou ainda:

— Sabe o que lhe digo, D. Elmira? Se eu mandasse, não permitia que andassem veículos na cidade! Quem não quisesse andar a pé, que alugassem uma cadeirinha! Mas a D. Elmira, movida pela curiosidade, atalhou logo:

— Afinal, sr. Mendonça, ainda não me contou esse negócio do meu sobrinho! Diz então que já gastou os 1.000 contos? Mas como? Como é possível gastar tanto dinheiro?

O procurador puxou do lenço, como era seu costume sempre que fazia uma confissão de grande importância, e passando-o pela testa alagada de suor, atirou:

— Maus negócios! Ele foi bem intencionado! Mas caiu nas mãos de uns autênticos vigaristas! Calcule V. Ex.ª que lhe meteram na cabeça entrar numa sociedade que ia explorar uma mina de diamantes, ali ao pé da Moita. Mostraram-lhe, mesmo, numas escavações feitas num terreno, muito em segredo, dois diamantes que tinham sido encontrados! Claro, pediram-lhe muita discrição, porque o negócio seria só do grupinho. O rapaz deu 500 contos e, ao fim de uma semana, entusiasmadinho com um saquinho que lhe apresentaram, onde havia as pedras reluzentes, entrou com o resto... E, afinal, D. Elmira, as pedras eram falsas!

D. Elmira ouvia, de olhos esbugalhados, a história do sr. Mendonça e, rapidamente, atirou:

— Isso é uma mentira! O meu sobrinho, faça-lhe essa justiça, não acreditava na tal história da mina dos diamantes! Se me disser que ele gastou o dinheiro em pândegas, em noitadas, que se arruinou por qualquer aventureiro de olhar fascinante, isso acredito! Agora, numa ingenuidade dessas, não caía.

E depois de uma pausa, em que parecia procurar a chave daquele enigmático fracasso do sobrinho, perguntou:

— E, diga-me, sr. Mendonça: como está ele?

O velho procurador, diante daquela solicitude, estava sucumbido. Era a primeira vez que via um vislumbre de interesse, de humana curiosidade, na usurária.

— Achei-o doente. Creio mesmo que passa dificuldades. Trazia um fato coçado, os sapatos sem lustro e um ar cansado, um ricto de amargura no rosto. Notei que tossia, uma tosse cavernosa que lhe sacudia o peito. Está velhíssimo. Não sei mesmo se, com 50 anos, não estará mais velho do que eu!

E como visse o espanto que se ia operando na velha senhora, que já tinha duas lágrimas a borbulhar ao canto dos olhos, o procurador, dando um tom solene às suas palavras, tornou, com voz cava, ainda mais sinistra a figura amarfanhada daquele sobrinho perdulário:

— E' como lhe digo, D. Elmira! Julgo que o pobrezinho anda cheio de dificuldades! Tem dias que só come uma sanduiche! Já tem dormido, por caridade, no cubículo da porteira lá do escritório! E ainda a semana passada fui eu que lhe dei uns sapatos, que só tinham as solas rotas! E lembrar-se a gente de que ele é o único herdeiro de uma grande fortuna!

A pobre senhora estava sucumbida. Sempre era, afinal, o seu sobrinho.

— Temos de arranjar uma solução, sr. Mendonça!

— Era isso, exactamente, o que eu pensava! Faltava-me, porém, a coragem para confessar isso a V. Ex.ª.

— Ele não pode andar por aí, nesse estado, feito indigente, sem ter onde comer, coberto de andrajos, como qualquer maltrapilho. Diz o sr. Mendonça que ele está feito um velho?

— Exactamente, Ex.ª. Senhora! Arrasta até os pés...

— Pois bem, sr. Mendonça, tive uma grande ideia! Veja se o consegue meter num asilo! Leve estes 500 para fazer o requerimento... E' em papel selado, não é?

O sr. Mendonça ficou atordoadado. Não sabia que dizer.

E a D. Elmira, com a sua voz pesarosa, rematou:

— Com certeza que não vão negar esse favor a uma benfeitora do asilo! Há tantos anos que pago para lá 150 por mês!

Manuel Martinho  
(Do «Diário Popular»)

**A propósito das festas de Aiamonte**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

tem sido motivo das mais encomiásticas referências, tanto por parte da população desta vila como de muitíssimos forasteiros que aqui afluíram — e alguns dos quais tivemos ensejo de ouvir. E' perfeitamente justo que salientemos este facto, porquanto só com larga soma de trabalho, a maior boa vontade e verdadeira dedicação poderiam resultar modeladamente eficazes, como, de facto, resultaram, os serviços a seu cargo.

Também as nossas autoridades aduaneiras foram deveras incansáveis, trabalhando ininterruptamente desde as 9 horas da manhã até, nalguns dias, muito depois das 3 horas da madrugada, de forma a impedir aglomerações e demoras, o que representa um esforço que todas as pessoas foram unânimes em reconhecer e elogiar.

Da forma como as citadas autoridades, Polícia Internacional e Alfândega, orientaram os respectivos serviços resultou não apenas comodidade e rapidez para quem se deslocou a Espinha naqueles dias, mas, principalmente, para os que aqui vieram de longe, um aumento de prestígio dos serviços da fronteira de Vila Real de Santo António. E se outras razões não houvesse, essa não bastaria para expressarmos, em nome da nossa terra, o público agradecimento, plenamente merecido, à Polícia Internacional e às autoridades aduaneiras, fiscais e marítimas, pela forma notável como regularam a passagem da fronteira durante os dias das festas de Aiamonte.

**Um grupo de amigos DA PRAIA DE MONTE GORDO**

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

que, há 50 anos, o falecido António Botequilha dispendeu também pela vida local, tão proveitosas para ela.

O presidente, sr. conselheiro Sousa Carvalho, ao usar da palavra, brindou por todos os presentes e ausentes que vieram a Monte Gordo como veraneantes, no decorrer de tantos anos, e ali encontraram a constituição do seu lar, realçando o facto como mais um atractivo para esta linda praia, tendo sido logo nomeada a comissão que vai organizar aquele «grupo de amigos de Monte Gordo», ao qual podem pertencer todas as pessoas que simpatizem e desejem o progresso desta praia, grupo que colaborará com a Câmara Municipal, Comissão de Turismo e com todas as entidades que desejem tal progresso.

E assim terminou a festa de confraternização, tendo dançado os presentes uma valsa dos tempos antigos...

**IMPOSTO DE INCÊNDIOS**

Os contribuintes do imposto para o serviço de incêndios devem efectuar o seu pagamento, acrescido de juros de mora, na tesouraria da Câmara Municipal, até ao dia 29 deste mês. No dia seguinte, relaxa.

**BASQUETEBOL**

Efectuou-se no dia 12 do corrente, na Esplanada dos Bombeiros Voluntários desta vila, um encontro de basquetebol entre as equipas do Lusitano F. Clube e «Os Olanhenses», actuals campeões do Algarve nesta modalidade.

A partida decorreu com animação, mas com predomínio dos visitantes, que foram os primeiros a marcar, tendo-se chegado ao intervalo com a pontuação de 32-10, desfavorável aos locais. O encontro terminou com o resultado final de 54-33 a favor de «Os Olanhenses», tendo todos os jogadores merecido elogios pela forma correcta e brava como actuaram. A assistência foi regular tendo-se retirado satisfeita por este interessante encontro em que a equipa lusitanista evidenciou progressos na prática do basquetebol.

A arbitragem, a cargo do sr. José Lisboa, agradou.

**CÂMARA MUNICIPAL DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO**

**ANÚNCIO**

Faz-se público que no dia 3 do próximo mês de Outubro, pelas 12 horas, na Sala das Reuniões desta Câmara Municipal, perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para arrematação da obra de: «Construção de Arruamentos em Monte Gordo».

Base de licitação . . . 45.000\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas filiais ou delegações, o depósito provisório de 1.125\$00, mediante guia passada pelo concorrente.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

As propostas, devidamente instruídas, serão enviadas pelo correio, em carta registada, até 48 horas antes da hora fixada para o concurso.

O programa do concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente na Secretaria desta Câmara e na Direcção de Urbanização do Distrito de Faro.

Vila Real de Santo António, 12 de Setembro de 1956.

O Presidente da Câmara,  
José Victor Adragão

**S I M . . .**

Deseja comprar V. Ex.ª lindas ofertas em VIDRO ou LOUÇA «VISTA ALEGRE» não pagando luxo?

SÓ NA

**MERCEARIA NOVA**

DE JOSÉ BENTO DE SOUSA e FILHO RUA BARÃO DO RIO ZÉZERE, 19 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**CONSERVAS**

Fábrica de preparação de peixes anênovados e sua filetagem. Pronta a funcionar — 18 pios. Edifício próprio. Vende-se. Resposta a este jornal, ao n.º 50.

**Clinica de Santo António**  
(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)  
sob a Direcção Clínica do Dr. Albano de Lencastre  
Rua Guilherme Gomes Fernandes  
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

**VENDE-SE**

Propriedade «Rio Seo» — Faro. Três culturas por ano.  
Informam: António Sousa Ramos, solicitador em Faro, ou João da Mesquita, Calçada da Palma de Baixo, n.º 31-1.º, Dto. — Lisboa — Telefone 781963.

Se Rousseau, nas Confissões, adrega de calcular o que havia de dizer — de maneira a prestigiar-se sempre —, aqui d'el-rei que não era sincero, e confissões feitas fora da clareza da sinceridade não valem um caracol esmagado. Mas, porque o nosso homem se abriu sem reboços, falou par plein texte, sans mettre glose, se confessou integralmente, outra vez aqui d'el-rei, porque atirou com o pudor às ortigas, revelando todas as suas garotices, os seus vícios secretos (o da pederastia, por exemplo), revelando, enfim, coisas que um homem honesto jamais diria. Certa dama, indignada com tais confissões, que ela naturalmente queria pintadinhas, pedrinha branca pedrinha preta, afinadas pela moral acataroadada, tem este comentário: « Ces infâmes mémoires sont les confessions d'un valet de basse-cour, et même au-dessous de cet état. »

Um homem é sincero — e identifica-se com um criado de capoeira, ou abaixo disso. Não é sincero — e vá de lhe chamar hipócrito, jesuíta e outras coisas más, más em português e em espanhol...

Preso por ter cão, preso por o não ter...

(Só resta dizer que a dama da quesúlia contra o realismo de Rousseau é Mme de Boufflers.)

#### ESTILO DE ROUSSEAU

Se procurarem, em Rousseau, a composição de acordo com as retóricas escolares, com os cânones oficiais no seu tempo, a « liaison des parties qui constitue un tout », escusam de dar voltas ao miolo. Tudo isso nele se encontra ausente em parte incerta... Coesão, lógica e outros segredos da arte de bem escrever não os conheceu Rousseau. Ou, se os conheceu, não os praticou. « Deito os meus pensamentos esparsos e sem seqüência ao papel (sur des chiffons de papier), como os depósitos como sei e posso (tant bien que mal), e assim faço um livro; tenho prazer em meditar, investigar, inventar; o desprazer, para mim, está em dar ordem a tudo isso. »

Pois, apesar disso, ou justamente por isso, é que Rousseau ainda hoje se lê avidamente. O seu estilo desordenado — desordenado, mas vivo, fremente, apaixonado — é que o salvou.

Foi Voltaire quem disse que todos os estilos são bons, excepto os bocejantes — l'ennuyeux. Pois o de Rousseau nada tem de bocejante. Ler Rousseau não é, positivamente, o mesmo que tomar narcótico às colheres de sopa...

O nosso homem era o menos calculado dos escritores. A espontaneidade era o seu clima. « Longe de mim — confessava ele — o procurar um estilo uniforme; irei sempre atrás do que me vier; mudarei, à mercê dos meus humores, direi as coisas sem as buscar, sem constrangimentos — je dirai chaque chose sans recherche, sans gêne. »

## A CRISE DO TEATRO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Carlos e de D. Maria II; o chamado Tetro do Povo; o Prémio Gil Vicente, instituído em 1935; os fundos subsidiários para manutenção de determinadas empresas oficialmente designadas consoante as garantias que oferecem; os substanciais auxílios de bilheteira também oficialmente facultados como aconteceu durante o período dos « Trinta anos de Cultura », em que o público, sem quaisquer encargos, teve ensejo de ver em cena alguns dos bons trabalhos da dramaturgia nacional. Isto, porém, é óbvio, não representa tudo. Tornar-se absolutamente necessário ir mais além, a passos bastante mais largos, começando desde já, e quanto a nós, por duas coisas essenciais: escrupulosa arrumação de valores e criteriosa escolha de repertório. Não se compreende, por exemplo, que se forme uma companhia ao perfeito acaso de efémeras aventuras, ao menos sem um ou dois « nomes de fundo », digamos assim, que lhe emprestem relativa categoria. Por outro lado,

# Notícias do Algarve

SEMÁRIO REGIONALISTA

## ITINERÁRIO DE UM PASSEIO À SUÍÇA RELÂMPAGOS Excessos a evitar

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dessa noite de 27, no Kursal, oferecido pela Interfarma — as 4 casas Roche, Geigy, Sandoz e Ciba, — num ambiente regional animado e condimentado pela música ensurdecidamente sibilante de uma orquestra típica de pífanos!...

Ah! mas no vasto Kursal descobri eu, no entanto, outra coisa: uma grande sala de teatro; e numa montra qualquer, de passagem, vira na manhã o anúncio do grande concerto na noite desse dia com um programa soberbo: para contralto e orquestra de cordas *Der Cornet*, do compositor suíço Frank Martin, sobre *A balada do amor e da morte do alferes Cristovão Rilke*, e, estreia em Basileia, *Metamorphosen*, o estudo de Ricardo Strauss para 25 solistas de cordas.

Escuso dizer que imediatamente adquirira bilhetes e o programa-libreto, onde em alemão vinha a balada excelsa que eu já conhecia da bela tradução portuguesa do ilustre prof. dr. Paulo Quintela. Tive assim ensejo de apreciar devidamente as inflexões musicais de que Frank Martin expressivamente exornara o texto de Rilke, através da harmoniosa declamação musical da artista Elsa Cavelti; como de ouvir a radiosa obra de Strauss uns anos antes de ela ter chegado cá aos ouvidos do dilettante público alfacinha. Esquecia-me dizer que o *letter* de tudo isto era o eminente Paul Sacher.

Durante esse dia 28 fora a visita científica dos jornalistas portugueses às 4 casas societárias da Interfarma. Houvera, dimanada não sei donde, uma distribuição dos jornalistas pelas ditas 4 casas; e sem que eu tivesse para isso metido prego nem estopa, encontrei-me incluído no grupo que foi levado a visitar a Casa Geigy. Um colega espanhol, o dr. Manuel Avilés, que trabalhara na Bayer, foi de acaso um bem simpático ciclerone privativo; e num vinho de honra que o director da Casa nos ofereceu, coube-me a mim, pela força das coisas e talvez por ser o mais velho do grupo, o ter de expor, numa ligeira arenga em francês que nos não envergonhasse, o sentir geral, ao que o ilustre director se dignou responder com os seus agradecimentos.

Outras excelências proveitosas advieram, para a minha cultura, destes 3 escassos dias na grande cidade histórica; a visita à catedral, de fundamental importância no grupo especial da arquitectura românica da Alemanha (subi até ao mais alto da torre sul); a visão do velho *Vater Rhein*, no cotovelo que faz ali junto da catedral, a cuja sombra, diante da sua glauca água corrente estivessem longamente sentados, minha mulher e eu, contemplando a terra germânica fronteira; o percurso demorado pelo vasto museu, desde os primitivos alemães mais exemplares às obras, pintura e desenhos, sobretudo, mais representativas do grande Holbein, e

até finalmente ao moderníssimo futurista e post-futurista abstracto dos nossos dias, que um respeitável colega, catedrático de Coimbra, me apontara, classificando-o ponderadamente de *loucura desenfreada*... O museu etnográfico — talvez o primeiro do mundo, ter-me-ia escapado certamente nesta babilónia, se o bom amigo Santos Graça, especialista, não insiste em chamar a tempo a minha atenção. Hoje torço a orelha de não estar, à data, melhor informado sobre Basileia... Mas é sempre assim: o mundo é um livro que é preciso ter previamente aprendido a ler... pois o pior é ter os olhos abertos e... não ver, porque realmente só se consegue ver... aquilo que já se viu, — por mais abstruso que isto possa parecer à primeira vista.

Abalara a caravana caminho de Zurich... Distanciando-me dela, enfiara eu direito a Schaffhausen, onde iríamos a dormir a noite, mais pitorescamente... — como de resto sucedeu, estando os hotéis e pensões tudo à cunha, mas tendo nós ficado hospedados óptimamente em casa dum vulgar bagageiro, — tão digno, de resto, no seu ganha-pão quotidiano, como nobre realmente era de ascendência, ele e sua esposa, ambos de prole fidalga austríaca, conforme tive ocasião de verificar — uma aventura inolvidável esta, da minha peregrinação, noite cerrada já, durante duas horas pela pequena cidade característica junto às famosas quedas do Reno... Assim, quando pelo meio do dia ali chegou a caravana, conforme ao programa jornalístico, já eu passara e repassara pela ponte sobre o Reno que atravessa a linda cidade, e vira o museu e as outras curiosidades, o que me deu foros de uma espécie de ciclerone já quase perito. Ao pé do famoso Sino do Schiller me captaram pela fotografia em grupo com outros colegas. E na digressão, logo após, até à soberba *Rheinfall* decantada, lá atravessei a ponte sobre o impetuoso abismo aquático, como fiz no barquinho do estilo a plácida travessia de retorno. Dia esplêndido, de agradável convívio salutar, esse de Schaffhausen, com a volta da caravana a Zurich, e nós então com eles a procurar pousada na grande cidade.

Nenhuma dificuldade: uma angelica donzela loira do Turismo, admirada de sermos de tão longe (quando lhe expliquei onde era Olhão, rabiscando o perfil da Península como uma cabeça, de que Portugal é a cara e o Algarve o queixo... — (rabisco que ela me pediu gentilmente para guardar como recordação instrutiva), quis ser a nossa boa fada, recomendando-me a uma casa de família da Quellentrasse, onde permaneceremos no melhor ambiente caseiro — tanto mais que reservámos o quarto durante os três dias após o dia seguinte, sábado, durante os quais digressámos largamente pelo país, conforme vou referir.

Efectivamente, nesse sábado, 31 de Maio, mal terminada a sessão científica importante no Anfiteatro da Clínica Dermatológica, abaláramos nós, logo, por Winterthur a Kreuzlingen (a Constança suíça), e daí, ao longo do lago, por Romanshorn, a cuja praia descemos, até Rorschach onde num restaurante à beira da água mesmo, onde alguns tomavam banho, estivemos repousando e merendando, na doçura da tarde, enquanto não chegava a hora do lento comboiozinho de cremalheira que nos subiria a Heyden no Appenzell, onde fomos jantar e dormir.

...Mas que fantasia fora esta que no programa traçado em Genebra me levava a esta insólita demanda dos confins suíços do nordeste? — quando a coluna jornalística se ia entreter, segundo o seu programa, a passar o domingo em Davos, na famigerada *Montanha Mágica*?

Olhão, 3 de Agosto de 1956.

Francisco Fernandes Lopes

na criação de «fundos teatrais», vai certamente contribuir para uma boa melhoria de todo este estado de coisas, que reputamos deplorável, com vista às nossas tradições e à nossa cultura. O tempo, as boas intenções, uma escola de bem representar e o investimento de capitais em favor de novos teatros, devem certamente ajudar ao resto. E oxalá que assim seja.

Zuzarte de Mendonça Filho

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

dições musicais. O facto, que a todos confrange, parece um enguço que ninguém ousa tomar a iniciativa de quebrar. Porque será?!

#### Festas da Vila

Todos os burgos e terreoladas, além das grandes localidades, têm e mantêm as suas «festas grandes», quase sempre coincidindo com as comemorações religiosas dos seus oragos. Também nós cá soubemos o que isso era, outrora, — parece-nos que já foi há um século! E bem animadas e brilhantes elas foram, as Festas da Vila, em Setembro, por ocasião dos festejos à excelsa padroeira, Nossa Sr.ª da Encarnação!

Que nos falta, actualmente, para, em complemento exterior e popular das funções litúrgicas, se realizarem de novo as tradicionais festas? Será o dinheiro? Mas, se ele aparece sempre para tanta coisa menos produtiva, que não compensa em rendimento o que umas festas bem organizadas poderiam render para a terra!

Inclinamo-nos, antes, para a hipótese da falta de boas-vontades e de espírito de iniciativa dos nossos conterrâneos. E bastariam só uns poucos para animarem o resto...

#### Lar, doce lar...

Ainda estamos por saber a verdadeira razão por que tanto se retraem os capitalistas desta zona em construir casas de habitação que venham reduzir um tanto a gravidade do problema do alojamento na vila.

Não podemos acreditar em pretensas dificuldades de ordem administrativa e muito menos no alegado encarecimento dos materiais e da mão-de-obra, que são, afinal, idênticos aos de outras localidades vizinhas, onde se está a edificar intensa e afanosamente...

Não será este fenómeno um produto específico da nossa terra, derivado dum estado de espírito especialíssimo que afecta o capital? Parece que nestas paragens há quem se tenha habituado a lucros fáceis e rápidos, e por esse motivo impere o desinteresse em

## ACTIVIDADES DA CASA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

um estudante algarvio necessitado, que frequente curso superior e o mereça pelo seu aproveitamento escolar.

Desde as últimas distribuições do Natal até ao presente, as verbas dispendidas pela Casa do Algarve com assistência a algarvios sem recursos, residentes em Lisboa ou em trânsito, atingem cerca de vinte mil escudos. Além disso, está a Casa do Algarve ajudando em Lisboa, com um pequeno subsídio mensal, os estudos de três alunos universitários algarvios; acaba de remeter à reitoria do Liceu de Faro a importância de 2.500\$00, para as matrículas de 2 alunos pobres do mesmo Liceu, mercedores de tal estímulo pela sua conduta e aplicação, e, em colaboração com o Ginásio Clube Português, vai inaugurar no seu Salão de Festas, em Outubro próximo, para as filhas dos seus associados e dos daquele Clube, uma classe de Danças Rítmicas e Clássicas, regida pela distinta professora diplomada em danças clássicas pelo Conservatório Nacional de Lisboa e bolseira em Paris do Instituto de Alta Cultura, sr.ª D. Georgina Villas-Boas.

empatar fundos na construção, cujo rendimento seria mais razoável e cuja amortização resultaria mais demorada, salvo se lhes permitissem exigir rendas da ordem dos 400/500 escudos. Mas isto também não seria viável, por incompatível com a economia média da nossa população.

Talvez ainda venhamos a assistir, nos nossos dias, a uma «colonização» mais activa da nossa terra por adventícios mais empreendedores, que vejam um pouco mais que o clássico palmo... além dos seus reais interesses imediatos.

E então a culpa será só nossa...

#### Fauno

### QUANDO TERÁ A NOSSA TERRA um parque de campismo?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

mar na devida conta os elementos nele fornecidos e as considerações expostas pelo distinto articulista. E fazemos votos para que a solução deste problema turístico local não demore, a fim de que para o ano próximo já a nossa terra possa ser dotada de tão interessante melhoramento, cuja efectivação já demoramos a fazer esperar.

Segue a transcrição:

..... Portugal tem de guindar-se — e pode fazê-lo com muita facilidade — à altura de diversos países da Europa como a França, a Itália, a Inglaterra, a Suíça, a Holanda, a Bélgica e alguns outros, na distribuição de Parques de Campismo. Tal necessidade, há muito apontada por nós, concretizou-se este ano com a vinda de tantos campistas e caravanistas estrangeiros ao nosso país.

Vejamos, em rápida análise, a situação de Portugal quanto a Parques de Campismo. Têm-nos Sesimbra, Setúbal, Costa da Caparica, Carcavelos, Nazaré, Figueira da Foz, Aveiro, Viseu, Porto, Vizela, Caldas das Taipas e, muito recentemente, Viana do Castelo. Mesmo em comparação proporcional, não chegam para os três mil que tem a França, as centenas de que dispõe a Itália ou até mesmo para o número dos que existem em Espanha, país que no campismo se encontra incomparavelmente mais atrasado que nós, e que num ano ou pouco mais, abriu mais parques que Portugal em nove.

O campista ou o caravanista estrangeiro, quer entre pelo Norte, quer o faça pelo Sul, deseja atravessar o País fazendo escala pelos Parques de Campismo existentes no itinerário turístico que deseja percorrer. E fundamentalmente o que é necessário para isso? Uns metros quadrados de terreno vedado, de preferência arborizado — apesar de no estrangeiro ser muitas vezes desprezado este pormenor — dispo de água potável, não longe de um local — que muitas vezes é dentro do próprio Parque — onde possam ser feitos os abastecimentos. Um bloco sanitário com duches e lavabos completaria as instalações. Acrescente-se que seria óptimo que o Parque fosse instalado perto do banho, de mar, como Sesimbra, Setúbal, Nazaré e Viana do Castelo, ou de rio, como Vizela e Taipas.

A quem compete solucionar este problema?

O S. N. I., em estreita colaboração com a Federação Portuguesa de Campismo, deveria tratar do assunto junto das Comissões Municipais de Turismo ou, na falta destas, junto das Câmaras Municipais. Parece que essas tentativas resultariam, se o assunto fosse tratado objectivamente. Não custa ver o que já se fez. O Parque da Figueira é municipal, o de Sesimbra é-o igualmente, Vizela partiu da iniciativa da respectiva Companhia dos Banhos e Caldas da Rainha parece-me que se encontra na disposição de instalar dois, um no interior, outro perto do Oceano.

Como pode ver-se, com um pouco de actividade junto dos municípios das regiões turísticas, o assunto seria facilmente solucionado. E não constituiria um encargo, porque, para citar Sesimbra, em que cada campista paga a importância de um escudo por cada noite no Parque, a respecti-

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tiragem de saibro, areia e pedra, sem pedir licença (já não digo pagamento); o alargamento de estradas (além do metro de resguardo) sem pagamento de expropriação e sem aviso, desde que se mudou o traçado; a ocupação de propriedade sem aviso prévio, sem processo de expropriação e em tempo de paz, por elementos militares; os prejuízos por passagem de linhas de alta tensão, sem indemnização e sem aviso; os prejuízos por exercícios militares, sem indemnização; a captura de indivíduos postos incommunicáveis, feita por convite, alegando razões insignificantes, e a retenção por outras razões, por parte de entidades judiciais — e quantas e quantas outras coisas que de momento me não ocorrem e não são de admitir por parte de entidades que têm de dar o exemplo de absoluta correcção.

Este caso de agora é a consequência de atritos, que de longe vêm, entre este nosso colega e a Junta Autónoma das Estradas, mas é um de tantos casos aos quais têm de submeter-se especialmente os pequeninos, que não têm meios de defesa, quase sempre onerosos.

O Governo tem procurado pôr cobro a estes inconvenientes; muitos funcionários públicos têm procurado resolver a bem inúmeros incidentes, mas não há dúvida de que eles surgem e nem sempre são solucionados como de justiça.

Este caso do Algarve é um sintoma que é dever não deixar passar sem reparo.

Agosto, 1956.

Ruy de Andrade

(Do jornal «A Voz»)

## BAILE DE TRAVESTIS

A Comissão Municipal de Assistência de Vila Real de Santo António vem testemunhar publicamente o seu reconhecimento à Colónia Balnear de Monte Gordo pela forma cativante como concorreu para esta festa, cujo produto foi totalmente destinado a esta instituição.

Igualmente ao sr. empresário do Casino e seus empregados a Comissão agradece não só as facilidades que lhe foram dadas, mas também a sua valiosa colaboração.

Aproveita a oportunidade para dar a saber que a importância recebida, esc. 7.960\$00, será distribuída em partes iguais pela Santa Casa da Misericórdia e Refeitório dos Pobres, que são as duas instituições de Caridade que suportam maior encargo com os necessitados de Monte Gordo, pois que o Refeitório distribui, durante todo o ano, duas refeições diárias a 50 pobres desta povoação, além de esc. 5\$00, em dinheiro, a cada um deles, aos sábados. Por sua vez, o hospital, no prazo de um ano, teve internados 81 doentes desta praça, numa totalidade de 962 diárias, contando-se entre estes alguns pequenos da Colónia de Mértola, que, quando acometidos de qualquer enfermidade, durante esta época, são sempre acolhidos, muito gostosamente, nesta Santa Casa.

## Visado pela Comissão de Censura

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

va Câmara Municipal recebeu nove mil escudos, em 1955.

Apontadas as conveniências da montagem de uma rede de Parques em Portugal, para a utilização por portugueses e por estrangeiros, resta-nos aguardar que o problema seja visto com o interesse que ele merece. Será mais um valioso factor turístico a juntar aos muitos que Portugal já tem.